

o ouro do lobo
império — livro cinco
anthony riches

Tradução de Jorge Colaço



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Carolyn

AGRADECIMENTOS

QUANDO COMECEI A MEDITAR NA IDEIA DE SITUAR ESTE LIVRO NA Dácia, para tirar partido do aparecimento, no início do reinado de Cómodo, de dois dos três homens que iriam competir pelo trono depois do seu assassinio, a minha atenção foi atraída por uma palavra mágica. Ouro. Ao procurar compreender o lugar da exploração mineira na economia imperial romana, adquiri o excelente *Imperial Mines and Quarries in the Roman World* de Alfred Michael Hirt, que rápida e eficazmente me delineou a natureza do controlo imperial sobre este suporte vital das finanças do império e o lugar que a colónia mineira de Alburnus Major desempenhou nesse grande plano. Recomendo-o vivamente ao leitor sedento de pormenores históricos, embora deva avisar de que se trata de uma publicação académica muito minuciosa e não uma leitura particularmente leve. Tal como anteriormente, a minha perceção do início dos anos 180 enquanto período temporal foi fortalecida pelo livro seminal de Anthony R. Birley, *Septimius Severus: The African Emperor*. Fiquei muito bem informado sobre a natureza, armas, táticas e organização dos Sármatas em *The Sarmatians: 600 bc — ad 450*, de Brzezinski e Mielczarek, na sempre valiosa série «Men-at-Arms» da Osprey, uma outra leitura fortemente recomendada, que nos oferece uma poderosa visão sobre este povo guerreiro que vendeu cara a derrota e acabou como parte integrante do império. Em relação à Dácia ela própria, recomendo *Dacia: Land of Transylvania, Cornerstone of Ancient Eastern Europe*, de Ion Grumeza, e *Roman Dacia* de Miller, Vandome e McBrewster, embora este pareça uma útil recolha de todos os artigos relevantes que se podem encontrar na Wikipedia — o que, não sendo mau, é merecedor de um tratamento cuidadoso, como em geral tudo o que procede dessa fonte. Como sempre, todos os erros são responsabilidade minha e só minha.

Em casa, o meu apoio foi tão inabalável (e intransigente) como sempre.

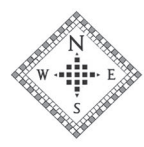
Na verdade, o título deste livro deve-se à minha mulher Helen, a quem eu aborrecia de morte com as minhas cismas na praia no verão passado, após ter terminado *A Espada do Leopardo* (terminado durante as férias, que não é o meu momento ideal de domesticidade). «É uma história sobre ouro», disse-lhe eu, «localizada na Dácia que, na verdade, significa “a terra do lobo”...» A minha adorada esposa limitou-se a olhar-me sobre os óculos de sol com aquela expressão que todos os homens conhecem bem de mais, e disse: «Bem, então é óbvio que é *O Ouro do Lobo*, não é verdade?», depois voltou de novo para as suas palavras cruzadas. Não fazia a menor ideia de como essa simples afirmação me iria ajudar. O meu esforço de escrita foi enormemente auxiliado pela aquisição de um refúgio sem Internet numa quinta da região (ficando assim livre da constante distração de preços de ações, armas de fogo e carros desportivos), e a minha gratidão a Gini e Jonathan Trower por terem tido a presciência de procurarem um inquilino no momento exato em que eu procurava um local para fugir às distrações é ilimitada. E eu continuo a garantir a mim mesmo que um dia destes a temperatura no Velho Galinheiro voltará novamente a zero. Ele seria, na realidade, o esplendoroso e lendário sótão do escritor, não fosse o luxo da minha inestimável máquina de café e da base de iPod no qual Händel ressoa elegantemente e os Motörhead atroam estrondosamente (e entre eles todas as tonalidades do espectro musical), dependendo da minha disposição e das exigências da musa.

Graham Lockhart continua a ser o meu parceiro de negócios que tolera a minha imaginação hiperativa e as suas exigências, enquanto Robin Wade e Carolyn Caughey, respetivamente agente e editora, continuam a ser as profissionais da edição aparentemente calmas que se interrogam sobre que diabo está o autor delas a jogar ao ter um dia de trabalho quando está contratado para entregar dois livros por ano. A todos obrigado por tolerarem a minha megalomania. Por último, agradeço-lhe a si, leitor, por ter escolhido este livro. A visão do escritor não é nada sem uma mente para se ocupar dela por um breve período de tempo e fico-lhe grato pelo empréstimo da sua matéria cinzenta durante o tempo suficiente para fazer Marcus e o seu elenco de apoio viverem para além da minha própria imaginação febril.

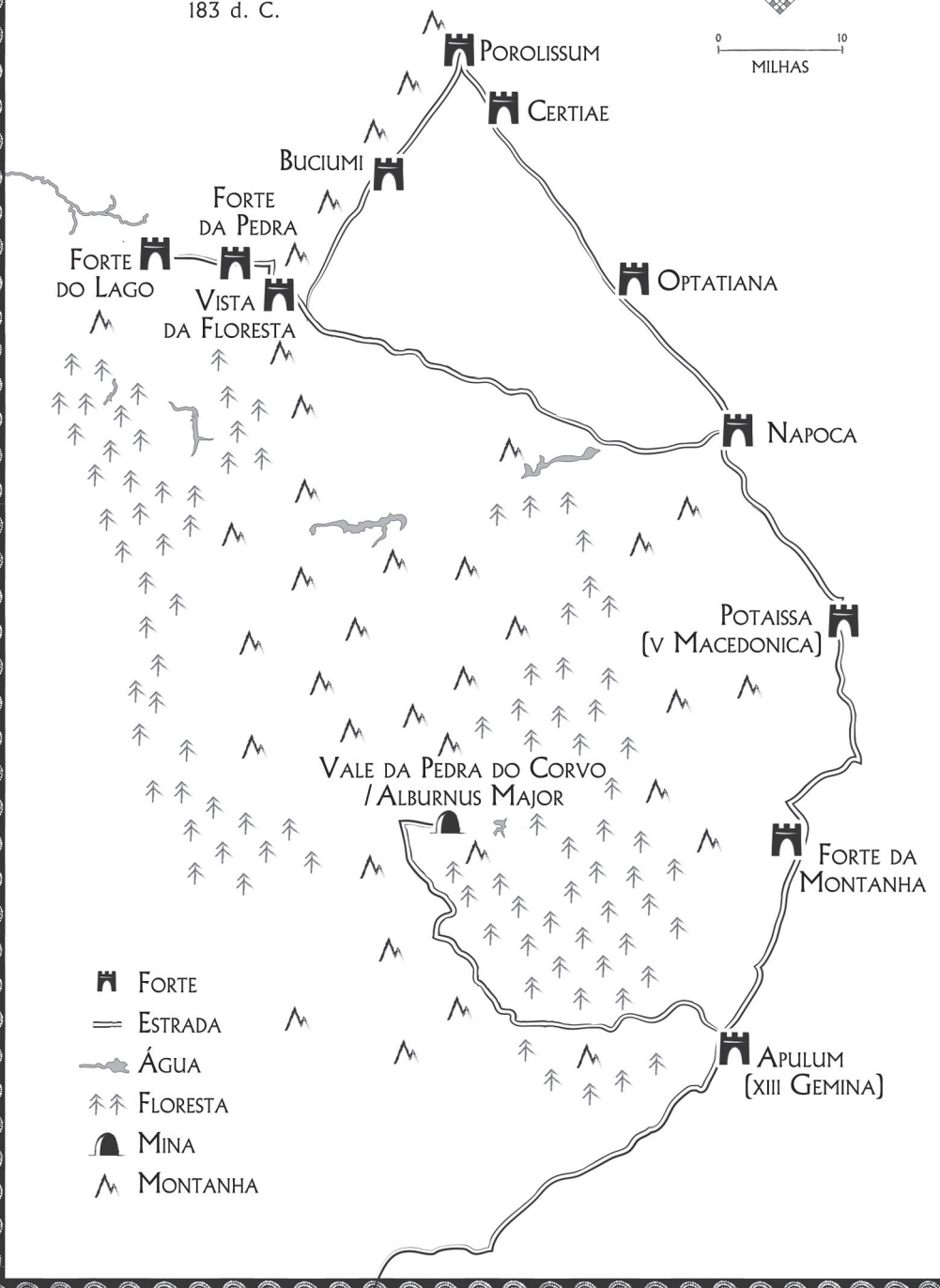
Obrigado.

MAPA DA DÁCIA

183 d. C.



0 10
MILHAS



- FORTE
- ESTRADA
- ÁGUA
- FLORESTA
- MINA
- MONTANHA

VALE DA PEDRA DO CORVO



PRÓLOGO

Dácia, março, 183 d. C.

UM CÃO LADROU DO OUTRO LADO DA ALDEIA E, NUM PISCAR DE olhos, outra meia dúzia de vozes caninas se elevaram em protesto contra o que quer que fosse que tivesse alertado o primeiro animal. Aconchegado no seu ninho de palha debaixo da casa, quente e seco no meio do gado que havia muito se acostumara à presença noturna do rapazinho, Mus sorriu ensonado ao coro de cães a ladrar. Fosse o que fosse que tivesse feito os cães ladrarem, teria também resultado numa tempestade de invetivas por parte dos homens das casas circundantes, se a reação habitual do seu pai servisse de indicação. Aninhou-se ainda mais na palha, fechando os olhos em antecipação ao esmorecer dos protestos dos cães em relação à criatura, qualquer que ela fosse, que os acordara, dando lugar a um renovado silêncio.

Com um súbito guincho lancinante que acordou o rapaz imediatamente e o fez sentar-se sobressaltado sobre a palha, um dos cães foi silenciado. Era um som que Mus já ouvira uma vez, anteriormente, quando o animal do vizinho tinha atacado o filho do dono e sido recompensado com mais de um metro do gládio da legião nas costas. O animal moribundo dera uivos lancinantes na agonia da morte, debatendo-se contra a intrusão implacável da lâmina fria, até que o seu dono tinha sido forçado a libertar a espada e a cortar a cabeça do animal a contorcer-se, silenciando os seus gritos dilacerantes. No breve momento de silêncio chocado que se seguiu, Mus soube que acabara de ouvir alguma coisa de horrivelmente semelhante. Mas quem usaria o ferro contra um cão de guarda por fazer o seu trabalho?

Um coro renovado de latidos quebrou o silêncio, a que se juntou um ruído de vozes ásperas que se avolumou à medida que os homens da aldeia saíam de casa armados com as espadas que todos tinham conservado

depois de se reformarem da legião, apesar da relativa paz daqueles tempos. Através das tábuas de madeira por cima da sua cabeça, Mus ouviu a voz do pai a assegurar à família de que não havia razão para se preocuparem ao mesmo tempo que as passadas do homenzarrão se encaminhavam para a porta. E então começaram os gritos. Algumas das vozes que se elevavam eram as de homens que lutavam pela vida e perdiam essa luta, ao estrondo do embate do ferro sobrepunham-se gemidos de agonia e gritos de dor e terror ao serem mortos e feridos, enquanto outros eram os gritos mais estridentes das suas mulheres ultrajadas, uivos de imprecação e ódio a fosse o que fosse que estava a acontecer na outra ponta da aldeia.

— *Mus!*

O seu irmão mais velho meteu a cabeça de fora através da portinhola do piso de cima, e Mus gritou-lhe:

— Estou aqui! O que...

— O pai diz que tens de ficar aí, e não te podes mexer!

A cabeça recolheu-se, e o rapaz ouviu o som pesado de passos quando o pai e os três irmãos mais velhos se apressaram a descer as escadas e a correr em direção ao ruído crescente da batalha, o oficial da guarda reformado elevando a voz em gritos de encorajamento aos seus antigos camaradas de armas. Acima dele, ouviu o som de pés mais leves quando a mãe e as irmãs se juntaram na cama dos pais, as meninas em busca de proteção contra o súbito terror noturno. Ao mesmo tempo que esteve tentado a correr escada acima e juntar-se-lhes, sabia que o pai o castigaria quando voltasse e descobrisse que a sua ordem fora desobedecida, e por isso ficou onde estava, levantando a cabeça para olhar através da abertura estreita na parede da casa, que servia para deixar entrar a luz durante o dia. A visão através da fenda não lhe dava uma maior compreensão dos acontecimentos que se desenrolavam na parte baixa da aldeia do que a evidência que lhe chegava aos ouvidos, mas, quando perscrutou a aldeia escurecida, percebeu o que estava por trás das chamas oscilantes das tochas que subiam pela colina na sua direção.

Levando os homens da aldeia que restavam adiante dela, uma linha de guerreiros pesadamente couraçados estava a obrigar a última e desesperada defesa dos soldados reformados a recuar em direção à extremidade mais elevada do povoado. Os defensores, em inferioridade numérica, vociferavam desafios até mesmo enquanto lutavam e morriam à mercê das espadas dos atacantes, e as suas longínquas recordações dos exercícios com espada não chegavam para enfrentar homens mais novos protegidos com armadura e escudo. Por detrás da linha de escudos, os fogos tomavam conta das

casas já capturadas, e os uivos de ódio e angústia femininos transformaram-se irremediavelmente em gritos de ultraje.

Enquanto Mus observava horrorizado, viu um guerreiro de compleição poderosa sair a passos largos da linha de ataque e dirigir, com uma mão só, uma longa espada contra os seus irmãos enquanto os homens atrás dele observavam, detendo habilmente um golpe contra a sua cabeça antes de balancear a arma e, com a sua ponta, abrir a garganta do rapaz mais novo. Esquivando-se com um passo lateral a outro golpe furioso do mais velho dos três, esmagou o escudo na cara do rapaz, depois, firmando-se no músculo da coxa, investiu por entre a sua titubeante defesa para lhe introduzir a espada profundamente no peito. Quando o último dos irmãos de Mus gritou e carregou sobre ele de um dos lados, impelindo a sua lança num ataque desesperado, o homenzarrão pura e simplesmente deu um salto para trás, desfazendo a investida, e deixou que a ponta da arma lhe passasse inofensivamente ao lado, agarrando a haste e sacudindo-a para desequilibrar o rapazinho. Rindo-se na cara do rapaz, inclinou-se para desferir uma cabeçada trituradora com o seu elmo de ferro para depois se afastar, deixando que os homens atrás dele acabassem com o miúdo semiconsciente. O pai dos rapazes irrompeu do meio da refrega com a espada pintada de preto, reclamando vingança sangrenta sobre o assassino dos seus filhos. Atirando o escudo para o lado, o guerreiro enfrentou a acometida do agricultor com uma confiança arrogante, que gelou Mus. Quando o seu pai atacou com um salto furioso, o guerreiro defrontou o agricultor, lâmina com lâmina, e deteve o golpe de ataque bem antes de torcer a cabeça para a esquerda para evitar um soco que o teria deixado estendido de costas. A cabeça coberta pelo elmo lançou-se de novo para a frente, fazendo o homem mais velho cambalear para trás com o nariz partido e a jorrar sangue, mas o coração da criança disparou quando o pai sacudiu a cabeça e avançou de novo com determinação. O que aconteceu a seguir foi quase demasiadamente rápido para ele compreender, mas o resultado foi suficientemente evidente. Detendo o segundo ataque com idêntica facilidade, o guerreiro estendeu uma mão para apanhar o punho fechado do homem mais velho e torceu-lho com força, mas aparentemente sem esforço, obrigando-o a ir ao chão e arrancando-lhe o punho da espada da mão. Pondo a lâmina da sua espada na garganta do homem tombado, olhou em redor até encontrar o que estava à procura, a mulher e as filhas aterradas do seu prisioneiro, que observavam desde a única janela da casa. Enquanto Mus olhava, incrédulo, o guerreiro vitorioso puxou o indefeso veterano, obrigando-o a pôr-se de pé, e arrastou-o em direção à casa, empurrando-o para o obrigar de novo baixar-se

a uma dúzia de metros do esconderijo do seu filho e, puxando-lhe a cabeça para trás com uma mão enfiada no seu cabelo, gritou-lhe ao ouvido com uma voz enrouquecida pela fúria:

— Esta é a tua casa, velho?! Tens mulheres lá dentro, encolhidas nas camas enquanto tu as defendes?! Os meus homens vão tirá-las cá para fora, e fodê-las todas aqui à tua frente, como preço a pagar pela tua resistência! E tu vais assistir...

Gesticulou para os homens em volta dele, incitando-os para diante, e eles irromperam pela casa com um ribombar de botas sobre as tábuas do soalho por cima da cabeça do rapaz, arrastando a sua mãe e irmãos a gritar de terror pelos degraus abaixo. O chefe deles olhou com regozijo o agricultor caído sob ele, mantendo-lhe a cabeça levantada com a espada ainda sobre a garganta e obrigando-o a ver, enquanto as roupas de noite eram arrancadas dos corpos das mulheres e elas arrastadas até ao chão. Cada uma das vítimas foi agarrada por um par de homens enquanto os seus camaradas as montavam rapidamente, penetrando vigorosamente os seus corpos indefesos com sorrisos de triunfo e gritos de prazer. Olhando o rosto angustiado do pai através da abertura estreita, enquanto a destruição e a degradação da sua família se desenrolava diante dele, Mus apercebeu-se de que ele o olhava diretamente nos olhos. Erguendo uma mão do chão, o soldado veterano agarrou a mão da espada do seu captor, obrigando-o a desviar a lâmina da sua garganta o tempo suficiente para gritar uma última ordem ao único membro da sua família que não estava nas mãos do inimigo.

— *Corre, rapaz! Corre, e não pares de correr!*

O seu captor libertou-lhe o cabelo do aperto e socou-o de novo na cabeça, depois passou-lhe o gume da espada pela garganta, afastando o moribundo com um empurrão e fitando o rosto paralisado da criança por longo tempo. Gritou uma ordem aos seus homens enquanto o agricultor se contorcia na agonia da morte aos seus pés, apontando para a casa. Dois deles correram para os degraus e, com um arrepio de medo, Mus percebeu que tinha pouco tempo antes de descobrirem o seu esconderijo e ele enfrentasse a mesma sorte que os seus irmãos. Em redor da casa, havia outras habitações em chamas, e os poucos agricultores que restavam eram descontroladamente chacinados enquanto as suas mulheres eram brutalmente violadas pelos grupos vorazes que as tinham arrastado para fora de suas casas. Reagindo aos passos que atroavam nos degraus sobre a sua cabeça, saltou do casulo de palha, correu velozmente através do chão de terra batida e contorceu-se num buraco na madeira da parede das traseiras, que

há muito utilizava para escapar à atenção dos seus irmãos mais velhos. Era bastante apertado, agora que já não era a criança desses tempos mais felizes, e teve de forçar um ombro para o interior do buraco antes de se contorcer para facilitar a entrada do outro na abertura, arranhando-se seriamente no processo. Arrastou-se para fora da casa, pondo um pé através do buraco para depois passar o corpo e ficar de pé, mas uma voz gritou por trás dele e uma mão agarrou-lhe o sapato, e Mus soube que o seu perseguidor invisível apenas precisava de lhe agarrar a perna para o puxar de volta através do buraco. Lutando desesperadamente, puxou o pé de dentro da bota grosseira que herdara do mais novo dos seus irmãos havia uma semana, ainda demasiado grande para o pé ficar aconchegado. Escapuliu-se de gatas e depois cambaleou ao pôr-se de pé, correndo a toda a velocidade através da horta da sua mãe para as árvores a cinquenta metros de distância e sacudindo a outra bota enquanto fugia para o abrigo da floresta. A velha árvore que segurava um lado da casa estava em chamas e, à luz lúgubre produzida pela sua incineração, Mus olhou para trás e viu o guerreiro alto apontar para ele, vociferando uma ordem aos homens que o rodeavam:

— Detenham-no!

Uma lança descreveu um arco sobre ele, um lampejo de ferro polido na escuridão, que caiu com um baque surdo sobre a terra, uma dúzia de metros à sua frente, e um instante depois uma outra silvou ao passar por ele tão perto que tropeçou com o choque e o fez levar um joelho ao chão. Olhando para trás, viu mais de uma dúzia de homens em ebulição passarem pela casa com as espadas desembainhadas, cujos gritos ininteligíveis deixavam claro o deleite que nutriam pela perseguição. Um clarão de terror na mente do rapazinho deu-lhe um último arranco de energia, e correu a toda a velocidade os últimos vinte metros até às árvores com os seus perseguidores rapidamente no seu encalço, mergulhando entre a folhagem com um grato soluço. A floresta à noite era-lhe tão familiar como de dia, pois era aí que habitualmente se ia esconder e amuar quando os seus irmãos decidiam fazê-lo pagar pelas suas frustrações. Várias descobertas e subsequentes espancamentos às suas mãos tinham-lhe ensinado muito bem como escapar de ser apanhado, uma vez passada a orla da floresta. Ziguezagueando para a esquerda e para a direita, os seus passos silenciados pelo tapete de agulhas no chão da floresta e o corpo tornado invisível sob as longas sombras, deslizou para o refúgio de um aglomerado de árvores que lhe era há muito familiar. Escavando no meio de um arbusto, em cujas profundezas escolhera cuidadosamente um buraco suficientemente grande

para o seu corpo caber, ficou imóvel, serenando a respiração enquanto ouvia os homens a tropeçar às cegas na escuridão circundante.

No espaço entre a concha em chamas da casa e as árvores, o homenzarrão esperou inquieto que os seus seguidores saíssem dispersamente da floresta, batendo impacientemente a lâmina da espada contra uma das botas. Formaram em linha e esperaram com nervosismo que ele falasse, de olhos brilhantes à luz avermelhada do fogo, esperando o veredicto do latagão com o rosto tenso de homens que sabiam já demasiado bem o que esperar.

— Escapou-se? Uma dúzia de homens, e uma criança pequena conseguiu fugir? — Olhou ao longo da linha que tinham formado com um esgar de nojo. — Estavam todos a amaldiçoar a vosso fado por não terem a sorte de encontrar uma mulher para montar para acabarem a olhar para mim com cara de falhados. E com boas razões... — Virou-se para o chefe, movendo brevemente a cabeça num gesto de assentimento. — O habitual. Podem tirar à sorte quem paga pelo fracasso deles. E garantir que, quem quer que seja, morre depressa e com limpeza, não há necessidade de transformar um exemplo num espetáculo.

Afastando-se a passos largos à volta da casa a arder, encontrou o seu homem de confiança à espera dele, e este homem mais velho acompanhou-o enquanto voltavam a descer a colina através de um cenário de devastação, cheio dos cadáveres ensanguentados de agricultores mortos, iluminados pelos restos incandescentes das suas casas. Os gritos iniciais das mulheres estavam agora reduzidos a gemidos e soluços angustiados enquanto a sua degradação continuava sem qualquer descanso que não fosse o proporcionado pela substituição de um homem por outro. O homenzarrão olhou em torno de si com uma expressão de repugnância.

— Deixa-os ter mais o tempo de uma ampulheta, Hadro, depois impõe-lhes ordem novamente. Quero os animais esquarterados e salgados pela manhã e todos os homens prontos para marchar. As mulheres têm de morrer, todas elas, sem exceção, e tu tens de certificar-te de que não haverá testemunhas. Parece que deixámos escapar pelo menos uma criança pequena, e eu não correrei mais nenhum risco. Se eu vier a saber de qualquer desobediência a esta ordem, mandarei espancar até à morte todos os homens do contubérnio do transgressor. Entendido?

O primeiro lanceiro assentiu, e, quando falou, o seu latim era cortante e gutural.

— Como for seu desejo, Prefeito.



Dácia, setembro, 183 d. C.

— **T**ENS DE NOS VINGAR, MEU FILHO. O SIMPLES FACTO DE teres sobrevivido não é resposta suficiente ao mal que infesta o coração do império, ou às brutais indignidades às quais a tua mãe e irmãs foram submetidas antes de morrerem.

O senador Appius Valerius Aquila remexeu-se no seu lugar com uma expressão de desconforto, claramente incomodado pelas dores nas articulações que o tinham acometido nos meses anteriores ao seu filho ter deixado Roma rumo à Britannia. Nas sombras atrás de si, a sua mulher e filhas perfilavam-se em silêncio, e nos seus rostos parcialmente visíveis havia uma ausência de expressão, enquanto no canto mais escuro do compartimento Marcus perguntava-se se conseguiria ver o seu irmão mais novo igualmente imóvel, já que as feições do rapaz quase não se viam na obscuridade.

— Pai, não estou a ver...

O velho ergueu um sobrolho, e o seu rosto adquiriu aquela altiva atitude aristocrática que o seu filho sempre achara tão proibitiva.

— Não estás a ver uma forma de vingares a nossa morte, Marcus? Agora tens mulher e filho, e responsabilidades para com os homens sob o teu comando. Livraste-te do nome Valerius Aquila e vives agora sob o nome suposto de Tribulus Corvus para evitar seres associado a uma família de traidores. Uma nova vida abriu-se diante de ti, uma vida para a qual estás bem apetrechado. E no entanto...

Marcus engoliu nervosamente, incapaz de mexer um músculo sob o escrutínio do seu pai.

— E no entanto?

— E no entanto, meu filho, tudo o que és agora só foi possível em

resultado daquilo em que eu te tornei. Fiquei contigo quando eras bebê, quando o meu amigo Gaius Calidius Sollemnis não teve condições para cuidar de ti.

Marcus deu pela espada do *legatus* Sollemnis na sua mão, como o seu pomo em forma de cabeça de águia a reluzir debilmente à luz da única lucerna que lutava pela vida enquanto a escuridão premia sobre todos em redor. Falou rapidamente, quase absurdamente ávido por alguma espécie de aprovação do homem que o tinha criado até à idade adulta.

— Pai, vinguei o *legatus* depois de ele ter sido traído por Titus, o filho do prefeito pretoriano. Persegui o seu assassino Calgus até à fronteira do império e para além dela. Inutilizei-o e abandonei-o aos lobos.

— Foi a mera circunstância que te ofereceu a dádiva de vingares o teu pai natural, meu filho. A retribuição pela destruição da tua verdadeira família não pode depender dos caprichos da Fortuna. Tens de viajar até ao coração do império, e perseguir e matar todos os homens que tomaram parte no nosso assassinio. Até fazeres isso, nunca serás capaz de criar abertamente o meu neto sob o nosso orgulhoso nome de Valerius Aquila. Queres que ele cresça até à idade adulta com um nome suposto? Mas, pior do que essa mancha na nossa honra, ficarás para sempre à mercê da consciência que eu tão duramente trabalhei para instilar em ti enquanto ainda eras jovem. Pensa e recorda, Marcus, para além da habilidade com as armas que mandei o gladiador e o soldado inculcar-te até seres tão bom como eles com a espada e os punhos. Não te recordas das nossas discussões sobre temas da ética e da filosofia?

Marcus assentiu, procurando chegar às recordações, profundamente soterradas, das conversas desafiantes nas quais ele se sentira durante muito tempo mais um ouvinte do que um participante, enquanto o velho lhe delineava as suas próprias crenças e valores.

— Sim.

— Então sabes muito bem que virares a cara a este crime será *insupportável*. Só em Roma encontrarás os homens que têm de ser punidos pelas nossas mortes.

A escuridão adensava-se em redor da sua família, agora com furtiva inevitabilidade, e o seu irmão ficou totalmente fora de vista. No próprio momento em que fitou a sua mãe, ansiando ouvir a sua voz uma última vez, também ela se afundou na obscuridade, deixando apenas a presença quase invisível do seu pai na poltrona à sua frente.

— Só em Roma, Marcus...

Acordou com um sobressalto, e Felicia despertou do seu sono ao lado dele e a sua voz era eivada de preocupação.

— O que é?

Marcus pôs-lhe um braço em volta, e envolveu-lhe um seio com a mão do modo como habitualmente ficavam estendidos na cama antes de ambos adormecerem.

— Foi aquele sonho outra vez. Nada mais...

Ela contraiu o corpo de encontro ao dele.

— Meu amor...

Ele beijou-lhe a orelha, sorrindo com suavidade.

— Eu sei. Lembro-me do teu diagnóstico. A minha mente adormecida encontrou um meio de subverter o controlo que estabeleci sobre as minhas emoções, e utiliza imagens da minha antiga vida para conduzir a alguma forma de luto a que eu não me posso permitir de maneira nenhuma. Embora tenha a expectativa de que um sacerdote me diga que os sonhos são enviados por Morfeu a pedido de Mithra, que desejaria fazer-me seguir a via do soldado para me vingar.

Ela bufou de mansinho para a escuridão do quarto e cruzou a mão sobre o ombro para lhe bater na testa.

— O problema esconde-se aqui, meu amor. Tens de te permitir assinalar a morte da tua família de uma forma adequada. Até o fazeres, continuarás a ser assombrado pelos fantasmas da tua vida anterior, a vida que ainda não deixaste morrer completamente.

Ele beijou-lhe o pescoço, apertando o seu corpo contra as suas costas.

— Eu sei. Hei de fazê-lo quando for a altura certa... — Envolveu o outro seio com a mão, passando os dedos suavemente pelos seus mamilos. — E, agora, uma vez que o bebé ainda está a dormir...

Mais tarde, quando estavam ambos estendidos a escutar o ruído do acampamento a regressar à vida, ele abraçou-a apertadamente e meditou interiormente no sonho, tal como fizera anteriormente em diversas outras madrugadas ao longo da extensão da fronteira norte do império.

— *Assinalar a morte da minha família de uma forma adequada? Nunca foi dito nada mais verdadeiro, meu amor. Mas o tempo e o lugar não é aqui e agora, será algures no futuro, que para mim ainda não é muito claro. Mas o tempo virá, disso tenho a certeza. E o lugar?* — As palavras do seu pai no sonho ecoaram-lhe na mente. — *Só em Roma...*

...

— ENTÃO MARCHAMOS TODO ESTE CAMINHO PARA PROTEGER A PORRA DE uma montanha? — O porta-estandarte da Quinta Centúria olhou em volta para os cumes que se elevavam do outro lado da estrada e cuspiu para a frente das suas botas. — Deuses do mundo inferior, mas nós atraímos todos os trabalhos de merda que aparecem, não é verdade? Tem uma pedreira fria e húmida que precisa de ser vigiada para o caso de alguns bárbaros extraviados lhes apetecer levarem as pedras? Mandem para lá os malditos tungros, eles são suficientemente estúpidos para fazerem tudo o que lhes disserem para fazer!

Abanou a cabeça, mudando a mão que segurava a haste do estandarte.

— Só podemos esperar que haja cá uma casa de putas decente, ou teremos feito todo este caminho para absolutamente nada. Por favor... — Abanando a cabeça com pesar, voltou a olhar a sua audiência, a coluna de homens a marchar em filas de quatro atrás dele. — O género de mulher que tenha chegado até tão longe nas montanhas é provável que não valha grande coisa na vertente mais doce da profissão. E eu realmente odeio quando a amolga-colchões que me está a chupar a pila consegue fazer-me cócegas nos tomates com a barba.

Marcus abanou a cabeça à diatribe do porta-estandarte enquanto marchava pela estrada ao lado do veterano atarracado, decidindo como sempre não reagir aos habituais queixumes amargurados perante qualquer vestígio de dificuldades. Dezoito meses como centurião de Morban tinham-lhe ensinado que, ao mesmo tempo que o veterano com vinte e cinco anos de serviço poderia ser silenciado por um minuto ou dois, raramente abandonava o objeto da sua ira durante muito tempo. Um dos soldados que labutava esforçadamente nas fileiras atrás deles ergueu a voz da segurança do anonimato dos homens à sua volta para provocar mais o porta-estandarte.

— Nem cerveja decente vai haver, hein, Morban?

Captando o olhar ameaçador de Marcus, o porta-estandarte conteve sabiamente a sua réplica, inclinando a cabeça para ouvir o som de que estava à espera enquanto contava devagarinho enquanto esperava.

— Cinco, quatro, três, dois...

Um berro enfurecido vindo de trás deles fez com que ambos estremecessem, apesar do facto de ambos o esperarem. Marcus trocou um olhar com Morban quando Quintus, o seu escolhido, lançou uma tirada insultuosa e irritada na direção do soldado anónimo.

— Faço uma boa ideia de qual é o macaco entre vocês que abriu a boca mesmo agora, e quando descobrir exatamente quem foi, vais desejar nunca

te teres alistado! Vou dar-te serviço suplementar por tanto tempo que a tua pila terá murchado antes de conseguires fazer outra coisa que não bater pívias! E vou partir a porra do bastão nas tuas costas, e depois vou...

— Apostas mais uma, não apostas, Quintus?

A voz do porta-estandarte era suficiente baixa para que só Marcus o ouvisse, e o escolhido vociferou o desafio para o ar frio da montanha.

— Vou apostar a porra de mais uma vez! É isso que farei!

O porta-estandarte arreganhou os dentes numa espécie de sorriso para o seu oficial.

— É a quinta vez hoje. Morban ganha de novo.

Ignorando o sobrolho erguido do seu centurião, aclarou a garganta e pôs fim à tirada do colega ao rugir o primeiro verso de uma cantiga de marcha que tinha sido cantada bastantes vezes nas semanas anteriores, enquanto as coortes dos tungros marchavam pela extensa fronteira norte do império, ao longo dos rios Rhenus e Danubius.

— *Dei cinco ao vender a minha capa...*

Interrompeu-se um instante para permitir que os soldados da centúria se lhe juntassem, abafando a voz indignada do escolhido quando o acompanharam a plenos pulmões, em grande estilo.

*... mais cinco ao vender a minha lança,
as últimas cinco ao vender o escudo.
quinze fodas ao todo, minha linda!*

Piscou o olho ao seu centurião quando os homens atrás deles tomavam fôlego para o coro da canção, e Marcus foi incapaz de resistir a retribuir-lhe um sorriso irónico. Os seus porta-estandartes e escolhido estavam a maior parte do tempo de candeias às avessas, e Morban não perdia toda e qualquer oportunidade de obter vantagem no seu difícil relacionamento.

*Quinze, catorze, treze, doze,
onze fodas, minha linda,
e quando chegarmos às dez,
Paro p'ra beber uma cerveja!*

Marcus parou de marchar e saiu da estrada, observando os soldados a passarem, com as mãos nos punhos das suas duas espadas, que desde há

muito lhe tinham valido a alcunha de «Duas Facas». As centúrias da coorte passaram a marchar pesadamente e com cansaço ao longo da estrada, cujo curso serpenteava e ondulava com o solo do vale à medida que subia para os cumes cobertos de névoa, que eram o objetivo do dia.

— Ainda te estás a divertir, jovem?

Fazendo um aceno de resposta à saudação do seu colega Otho, e rindo com a piscadela de olho que enrugou o rosto marcado e amassado do homem mais velho quando a Sétima Centúria passou por ele, Marcus esticou as costas enquanto olhava ao longo da extensão da coluna. Parando um momento para sentir o calor do sol na cara, puxou os ombros para trás e rodou a cabeça para tirar alguma da rigidez do pescoço. O seu corpo, já enrijecido com músculo pelo esforço de transportar rotineiramente mais de vinte quilos de armas e armadura às costas, dia após dia, fora exercitado ao ponto de perfeição por três meses na longa estrada desde a Fortaleza Bonna, na Germânia Inferior. Olhou em volta para as colinas que se agigantavam de todos os lados da longa faixa reta da estrada, protegendo os olhos do sol da tarde com os dedos compridos da sua mão e meditando longamente sobre o território montanhoso que os rodeava até o seu devaneio ser interrompido.

— Então, o bom velho Quintus continua a dar-te problemas, é isso? Conseguiria ouvi-lo a gritar daqui, e chegámos àquele ponto do dia em que até o mais duro dos escolhidos está habitualmente pelos cabelos com o resto de nós.

Recomeçou a caminhar quando o centurião da Oitava Centúria passou por ele, abanando tristemente a cabeça à pergunta do seu amigo.

— O que achas *tu*, Dubnus? Mithra sabe que eras bastante duro quando foste o meu escolhido lá na Britannia, mas sempre foste bastante justo com os homens. Sim, eras tão duro com eles quanto tinhas de ser quando eles precisavam, mas até mesmo tu sabias quando lhes folgar um pouco o aperto.

O enorme soldado reconheceu o ponto com um gesto de assentimento, coçando a pele debaixo da sua pesada barba e sacudindo o suor dos dedos.

— Ao passo que Quintus...

— Parece nunca lhes dar um momento de descanso. Qualquer pequeno mau comportamento, qualquer daquelas pequenas patéticas que os soldados fazem pôe-no logo aos gritos com eles como se fossem recrutas e não soldados experimentados na guerra. Como é que Julius costumava aturar isso deixa-me perplexo.

O amigo olhou-o de soslaio.

— Julius nunca teve problemas com isso, Marcus. Ele não arranhou a alcunha de «Latrina» sem alguma boa razão; na realidade, quando acha necessário, ele pode ser bastante desagradável... — Fez uma pausa cheia de significado. — E ele acha isso necessário a maior parte do tempo. Não é que eu não o adore como um irmão, mas quando fui o escolhido dele, antes de ter sido posto a transformar-te de jovenzinho arrogante em centurião quase decente, ele costumava dizer-me com regularidade que eu não era suficientemente duro com os seus homens. Por isso, quando no ano passado fui transferido para comandar a tua antiga centúria, ele aproveitou a oportunidade e nomeou Quintus para o cargo.

Marcus aquiesceu com ar infeliz.

— E agora tenho de lidar com as consequências. Não posso despromover o homem, pelo menos sem uma boa razão...

— Que ele nunca te dará, podes ter a certeza. Pode ser um bocado idiota, mas, para ser justo, ele é bom soldado.

— E provavelmente não consigo persuadi-lo a ser um pouco mais brando.

Dubnus assentiu de novo.

— É mais plausível conseguires persuadir Morban a parar de apostar. Ou de beber. Ou de ir às pu...

— *Sim.* Pelo que só me resta ter de o aturar, suponho eu. — Marcus suspirou, olhando a linha da coluna nos cumes que se elevavam diante deles. — Pelo menos, esta marcha incessante está a chegar ao fim, mesmo que apenas por alguns dias.

Dubnus bufou.

— Sim, mas pelo preço de ficar empoleirado no cimo de uma montanha apenas com um bando de mineiros e cabras por companhia. Isso, e quaisquer mulheres que tenham conseguido subir até aqui à procura de ouro ou de casamento. Embora seja provável que tenham o mesmo aspeto que as cabras.

O amigo sorriu.

— Morban estava a dizer-me quase a mesma coisa há bocado. Vou recuar ao longo da coluna para ver como é que o Qadir está a tratar a minha antiga centúria.

Dubnus riu-se.

— Nesse caso, podes esperar que o Gilvaz te faça olhinhos. Ouço dizer que ele ainda anda a dizer a toda a gente, suficientemente estúpida para o ouvir grasnar sobre isso, que foi errado que não tivesses escolhido alguns

homens quando Julius te pôs no comando da Quinta Centúria. Alguns homens escolhidos, incluindo-o a ele e ao seu colega Sanga, é claro.

Marcus encolheu os ombros.

— Quando Julius me nomeou para comandar a sua antiga centúria, tornou claro que eu não ia tentar desfalar a Nona dos bons soldados. Tive sorte em levar o meu porta-estandarte comigo, embora isto possa ser uma definição estranha da palavra «sorte». Julius disse-me que não havia nenhuma necessidade de levar mais alguém comigo, uma vez que eu estava a herdar «a porra da melhor centúria da coorte». Também referiu o facto que «o Primeiro Lanceiro não teria gostado disso» se eu estivesse a considerar transferir homens entre centúrias.

Dubnus franziu os lábios.

— Sim, desejo que ele pare de invocar o nome do seu antecessor sempre que quer justificar alguma coisa. «Não deixes que os teus homens abrandem o ritmo da marcha, o Primeiro Lanceiro não teria gostado disso.»

Marcus sorriu-lhe, surpreendido por dar por si a apreciar o humor do amigo, dado o trauma da morte recente do antigo centurião sénior na Germânia.

— É verdade. «Não bebas demasiado desse tinto, o Primeiro Lanceiro não teria gostado disso.»

Dubnus fez uma careta, fazendo de conta que levava uma taça aos lábios.

— Quando sabemos todos muito bem que Sextus Frontinius o teria emborcado tão rapidamente como o resto de nós.

Marcus suspirou.

— Eu sei que ele está apenas a fazer o melhor que sabe para nos manter animados, mas mesmo assim eu diria que é tempo de deixar ir o Tio Sextus. De qualquer modo, vou ver como vai a Nona.

Marcus voltou a sair da estrada e esperou até que a sua antiga centúria estivesse a par dele, colocando-se ao lado do seu centurião com um aceno de saudação. Os homens eram bons amigos, e por algum tempo acamaram em silêncio no meio do chocalhar do equipamento e do matraquear das botas cardadas que os acompanhavam rotineiramente durante a marcha, até o porta-estandarte da centúria chamar a sua atenção.

— Esta coisa foi claramente polida quase até ao limite. Deve ser um choque para a pobre coisa depois de tanto tempo submetida à versão de limpeza do Morban.

Qadir assentiu com solenidade, e a sua resposta foi expressa nos termos

cultos que já tinham enganado mais de um soldado, que erradamente os tomara como sinal de coração mole.

— O meu porta-estandarte passou muito tempo na sombra de Morban, como te podes lembrar. Parece desfrutar do seu momento ao sol, se assim posso dizer.

O homem em questão, um indivíduo esguio que tinha sido corneteiro de Marcus quando este comandara a Nona Centúria, acenou respeitosa-mente ao seu antigo centurião, e Marcus deu por si a responder ao homem com um sorriso.

— Imaginaria que ainda sentisses a falta de Morban, hein, Porta-Estandarte? Quem mais te vai manter alerta com uma corrente de queixas sem fim, insultos e histórias porcas, ou aliviar-te do peso da bolsa, para teu conforto, sempre que ela fique demasiado pesada?

Qadir assentiu com um sorriso de ironia.

— A Nona Centúria é, certamente, um lugar diferente sem ele. Às vezes dou por mim a sentir a falta do seu fluxo contínuo de disparates e incitamento ao jogo...

— Mas os outros noventa por cento das vezes?

— Exatamente. Abençoada paz, e pura e simples vida militar na maior parte das vezes, apenas quebrada por alguns resmungos de cada vez que *um* dos meus soldados te vê à frente da Quinta.

Elevou a voz ao fazer o último comentário, certificando-se de que os homens atrás o podiam ouvir, e Marcus ergueu um sobrolho num simulacro de surpresa.

— A sério? Eu acharia que até mesmo o Gilvaz já tinha ultrapassado o seu desapontamento por não ter de ser soldado sob a suave piedade do meu escolhido.

Marchando no seu lugar habitual, algumas fileiras atrás dos centuriões, o antigo e o atual, o soldado Gilvaz manteve um silêncio digno, embora tenha lançado um aparte em voz baixa ao seu colega Sanga, logo que os dois homens regressaram à sua conversa, fosse qual fosse o assunto que os centuriões discutiam.

— Cruel, foi o que isto foi. Muito cruel.

Sanga encolheu os ombros com cuidado, sob o peso das suas lanças, escudo, elmo, cota de malha e saco, de cabeça lançada para trás para aspirar o ar frio da montanha.

— Assim talvez agora te contentes em deixar o «Duas Facas» cuidar da sua própria vida, hein, sem teres de andar a correr atrás dele o tempo todo?

O olhar de Gilvaz permaneceu fixado na nuca de Marcus.

— Não está certo que não nos tivessem deixado ir com ele para a Quinta, mesmo nada certo...

Sanga abanou a cabeça com tristeza e ficou em silêncio, concentrado em carregar metade do peso do seu corpo pela inclinação ininterrupta da estrada, enquanto o seu companheiro de contubérnio continuava a resmungar para si próprio.

Qadir olhou por um momento as montanhas de ambos os lados antes de voltar a falar, rasgando o rosto num suave sorriso.

— Pelo menos, a esta distância da Britannia não há muito risco de alguém ter ouvido o nome Marcus Valerius Aquila. Podemos não estar felizes por termos sido enviados para leste, mas pelo menos terá condições de parar de te preocupares acerca de qualquer nova tentativa de te prender, hein, Centurião *Corvus*?

Marcus assentiu, e a ideia suavizou-lhe o rosto.

— Isso já me passou pela cabeça. Embora seja obrigado a concluir que estou a trocar a oportunidade de me livrar de ser perseguido pela probabilidade de estar a levar a minha mulher e o meu filho para uma guerra. Não creio que tenhamos sido enviados todo este caminho para leste apenas para encher. — Ouvindo o ruído de cascos sobre as ervas da berma da estrada, virou-se para ver um punhado de homens a trotar rapidamente ao longo da longa coluna de soldados. — E como para provar que estou certo, parece que o nosso esquadrão montado está prestes a poder sair da casca.

O cavaleiro da frente refreou o seu cavalo ao lado dos dois, sorrindo-lhe com alegria indisfarçável sob o seu elmo emplumado de decurião, cuja lustrosa máscara facial estava levantada de modo a permitir que o seu campo de visão fosse total.

— Saudações, irmãos! Chegou o momento de a «Primeira dos Tungros Montada» provar uma vez mais o seu valor. Após semanas sem nada melhor do que nos arrastarmos e tossir com o pó levantado pelos vossos pés chatos, temos ordens para bater a estrada para diante até pelo menos à curva para a mina. O tribuno suspeita que este território possa abrigar uma grande quantidade de batedores bárbaros e por isso manda-me dar-lhes oportunidade de praticarem com os arcos. Uma vez que tenho autorização para procurar a vossa participação nesta perigosa missão, meramente para aumentar a minha possibilidade de sobrevivência ao fornecer o inimigo uma mais ampla variedade de alvos adequados, tomei a liberdade de selar

as vossas montadas habituais para a viagem. Querem dar descanso aos vossos pés e narizes acompanhando-nos no nosso passeio?

Marcus olhou para Qadir, e a resposta do hamateu foi um encolher de ombros com desinteresse fingido. Levantando os olhos para o decurião sorridente, o romano ergueu um sobrolho.

— É tentador, Silus, embora pareça que voltaste a selar esse monstro do *Cabeça de Vento*, apesar das tuas repetidas acusações de que falta ao pobre animal a disciplina adequada a um cavalo da cavalaria. E é Arminius, o servidor do tribuno, que estou a ver lá no fim do grupo de batedores, agarrado à crina do cavalo como se fosse uma pega feita de ferro?

O enorme germânico, montando um animal de constituição pesada, julgado a única montada do destacamento de cavalaria da coorte capaz de transportar o seu peso sem se ir abaixo, lançou um olhar carrancudo a Marcus desde a retaguarda do grupo.

— Consigo ouvir-te, Centurião, e ao mesmo tempo que nada me faria mais feliz do que descer de cima deste animal agora e nunca mais voltar a montar um cavalo nos anos que me restam, sabes que tenho uma dívida de sangue para contigo. Quando o senhor da minha vida autoriza estes homens a levar-te pelo caminho do perigo, não tenho outra alternativa senão acompanhá-los a teu lado.

Silus fez uma careta, inclinando-se na sela para falar ao ouvido de Marcus.

— Aqui entre nós os dois, até mesmo aquele grande malandrão do Colossus está a começar a parecer um bocado ressentido por ter de carregar todo aquele peso por aí. É uma boa coisa que o teu soldado Lugos não tenha tendência para te seguir tão ansiosamente sempre que há merda ou dentro de uma semana não teríamos cavalos que conseguissem pôr-se de pé. Então, vais juntar-te a nós ou estás disposto a dar ao germânico um pretexto para desmontar?

Marcus encolheu os ombros a Silus, estendendo uma mão.

— Muito bem, Decurião, uma vez que não tenho outro remédio senão respeitar o exemplo de Arminius, presumo que tenhas parado na carroça médica a chatear a minha mulher para te dar o meu elmo...

O homem de cavalaria fez um sorriso ainda mais largo, erguendo a mão esquerda de detrás do flanco da montada para exhibir o elmo de cavalaria que Marcus adquirira em Tungrorum com a finalidade de enganar os seguidores de Obduro, o chefe dos bandidos, para grande desgosto de Felicia quando descobriu o preço que ele tinha pago pela sua excelente

manufatura. O romano tirou o elmo de centurião e passou-o a Qadir com uma piscadela de olho.

— Consegues pensar num soldado suficientemente cuidadoso a quem se possa confiar isto? Em troca, levarei o seu escudo e uma das suas lanças.

O hamateu assentiu, ficando algumas fileiras para trás e entregando o elmo emplumado ao soldado Gilvaz, tirando-lhe um dos seus dardos e ajudando-o a puxar o escudo posto a tiracolo sobre as costas.

— Ora aqui está, soldado, o elmo do centurião fica à tua guarda até ele voltar do reconhecimento com a cavalaria.

Gilvaz aceitou o fardo adicional com um aceno solene, ignorando a risota dos homens em torno, e observou Marcus e Qadir montarem os cavalos que Silus tinha selado e afastarem-se, subindo o suave declive da estrada.

— Talvez carregar aquele enchumaço de ferro durante as próximas horas te ensine a curvar a porra do pescoço... — Sanga calou-se quando percebeu que o seu camarada não estava a ouvir uma única palavra do que ele estava a dizer, mas sim a olhar para o elmo com uma expressão de orgulho. — E daí, talvez não...

OS CAVALEIROS CAVALGARAM PARA DIANTE AO LONGO DE MAIS DE UM QUILOMETRO sobre a superfície compacta da estrada, e os cascos dos seus cavalos retiniam ruidosamente no silêncio que pairava sobre as colinas arborizadas de ambos os lados. Silus olhou para trás ao longo da estrada para se certificar de que estavam suficientemente distantes da coluna de infantaria em marcha, e depois indicou com um gesto o arvoredo de uma das encostas.

— É altura de sairmos da estrada e fazermos um pouco menos barulho, meus senhores, agora estamos a dar nas vistas como um chocalho num báculo. Mantenham os olhos e ouvidos atentos a qualquer coisa fora do normal.

Os cavaleiros separaram-se em dois grupos, cada um com meia dúzia de homens, conduziram os cavalos para as faixas de terreno aberto de ambos os lados da estrada e depois reduziram o passo de modo a que os seus cascos se tornassem quase silenciosos sobre a erva alta. Qadir levou o seu animal para junto do enorme cavalo cinzento de Marcus, evidenciando o contraste entre a elegância graciosa da égua alazã e o cavalo de guerra, enquanto a montada de Arminius se punha atrás deles, incitada pelo germânico. Os três homens conversaram baixinho enquanto a patrulha avançava

como um fantasma pela beira da estrada até que Arminius franziu o sobrolho subitamente, torcendo o nariz.

— Estão a sentir este cheiro?

Marcus inspirou profundamente, distinguindo o ténue vestígio de um aroma familiar no ar.

— Fumo de lenha. E gordura queimada.

Qadir assentiu em confirmação, acenando com uma mão a Silus e pondo um dedo sobre o nariz quando Marcus se curvou para puxar o escudo do flanco do cavalo cinzento. Quando o decurião fez sinal de que entendera, uma flecha disparou das árvores cinquenta metros à frente, passando ao lado da cabeça do romano com um silvo de penas de voo. Baixando a lustrosa máscara facial do elmo, incitou o cavalo cinzento a entrar em ação, rodando a lança da posição vertical de transporte para a apontar na horizontal, sabendo que a visão da sua longa lâmina seria suficiente para desencadear a usual carga furiosa do enorme cavalo. Uma segunda flecha voou do meio das árvores, uma mancha em movimento que acabou num tinido quando a ponta de ferro do míssil fez ricochete nas várias camadas da máscara de proteção facial. A força do impacto empurrou-lhe a cabeça para um lado, desfocando-lhe momentaneamente a visão. Erguendo o escudo diante do corpo, o romano, apertando os músculos das coxas contra os flancos do cavalo cinzento, ergueu-se na sela e levantou a lança, pronta a ser arremessada. O arqueiro oculto disparou novamente, desta vez fazendo pontaria ao cavalo mais do que ao cavaleiro, e Marcus sentiu o animal estremecer com o golpe, sem que o seu ritmo tivesse sido afetado enquanto trovejava em direção ao esconderijo do arqueiro. Pondo-se de pé para fugir mais do que para se firmar em posição para um último tiro, o batedor inimigo apresentou-se a Marcus como um alvo fugaz quando o cavalo cinzento rasou o lugar do qual o arqueiro tribal observara a aproximação do cavaleiro, mas a lança passou a voar pelo arqueiro em fuga com força venenosa, originada pela sua fúria com o ferimento do cavalo, falhando o alvo pelo comprimento de um braço.

Puxando o animal para cima, levantou uma perna sobre a parte dianteira da sela para deslizar de cima do cavalo, aterrando de pé e desembainhando a sua espada comprida enquanto se dirigia furiosamente para o meio das árvores ocultando-se por trás do escudo, bem consciente de que a proteção oferecida pelas várias camadas da placa era em grande medida ilusória contra um arco, a tão curta distância. À sua frente, o batedor continuava a esquivar-se por entre as árvores, mas parecia cambalear

ligeiramente ao correr, com o corpo pendendo para um lado como se fosse uma marioneta a que lhe falta um fio. Parou abruptamente de correr, cambaleando até estacar e ficando imóvel ainda por um momento, oscilando sobre os pés, fechando e abrindo alternadamente a mão em volta da haste de uma flecha que pendia despercebida ao seu lado. Marcus aproximou-se, de olhos semicerrados em antecipação de outra emboscada, erguendo a longa lâmina da *spatha* para poder usar a sua letalidade mais facilmente ao mesmo tempo que se interrogava acerca de um comportamento tão suicida. O batedor inimigo virou-se, arrastando os pés através das agulhas dos pinheiros caídas como um sonâmbulo, e a expressão do seu rosto deteve a mão do romano com um fascínio horrorizado. Considerando momentaneamente o centurião mascarado à sua frente com olhos vazios e vidrados, de boca aberta para deixar sair um fluxo de saliva ensanguentada, o bárbaro levantou lentamente a flecha que segurava até esta lhe ficar à altura da cara e emitiu um gemido estridente de angústia. Marcus observou com assombro ao perceber que as pernas da sua vítima estavam a tremer com força suficiente para lhe fazer abanar descontroladamente o corpo todo. Com uma longa exalação gemebunda do seu medo e desespero, o arqueiro tropeçou para trás sobre o chão da floresta coberto de agulhas espalhadas e ficou estendido a contorcer-se, borrando-se nas calças curtas ao agitar-se espasmodicamente. Curvando-se para examinar mais de perto o homem visivelmente desamparado, o jovem centurião empunhou a espada pronta para atacar quando empurrou o bárbaro nas costas com a bota. Os olhos do batedor estavam abertos fixamente, as pupilas reduzidas ao tamanho de pequenos pontos enquanto fitava cegamente o romano, e a flecha caiu-lhe da mão inerte, com a última pequena porção da haste pintada de um vermelho profundo e vivo. Curvando-se ainda para mais perto para ver uma coisa que lhe chamou a atenção no braço do homem, Marcus ouviu um ruído muito ténue, o ranger de um arco cuja corda estava a ser puxada, e, na fração de segundo que durou o aviso, arremessou o escudo para a frente na direção do ligeiríssimo som. Uma flecha chocou contra a placa defensiva com força suficiente para penetrar através das camadas de madeira e linho, parando apenas quando a pesada ponta de ferro embateu nos anéis de ferro da sua cota de malha com um forte impacto. Um potente fedor a alguma coisa podre encheu as narinas de Marcus, e ele rolou para longe do lugar, abrigando-se junto a uma árvore, gritando a Silus:

— Está aqui outro! Flanqueia-o!

Os soldados tungros avançaram para o meio das árvores de ambos os

lados, gritando uns aos outros enquanto procuravam encurralar o segundo arqueiro através de um movimento envolvente, mas, com um espalhafato de galhos, o homem ergueu-se e correu para a direita de Marcus mais depressa do que os tungros desmontados conseguiam acompanhar. Quando o romano olhou através do arvoredo, o autor da emboscada saltou para um cavalo à espera e disparou para a estrada, procurando escapar antes que os tungros conseguissem voltar a montar. Levantando a máscara do elmo de cavalaria e abrindo caminho para sair do matagal, Marcus quase tropeçou em Qadir, quando o hamateu dispunha friamente uma flecha no seu pesado arco de caça e puxava o projétil para trás até as suas penas de voo estarem a par da sua orelha. Qadir esperou pacientemente enquanto o cavalo do batedor esmagava o mato em direção à estrada, deixando uma lenta exalação de ar sair-lhe pelos lábios ao preparar-se para o tiro. Irrompendo das árvores, o cavaleiro incitou o cavalo a um galope, acocorando-se sobre o pescoço do animal de modo a representar um alvo mais pequeno, e, por um momento, Marcus interrogou-se se o seu amigo poderia suster o tiro por medo de atingir o cavalo. Qadir inclinou-se ligeiramente para a frente, semicerrando os olhos em concentração, depois soltou a flecha e baixou a arma, sem fazer menção de tirar outra. Atingido em cheio nas costas, o batedor bárbaro arqueou-se numa convulsão, tombando sobre os quartos traseiros do cavalo e chocando com força contra a superfície empedrada da estrada.

Avançando com o escudo levantado para se precaver contra qualquer outra tentativa de emboscada, torcendo o nariz ao cheiro fétido da ponta de osso da flecha ainda enfiada numa longa fenda na placa de madeira, Marcus observou cuidadosamente as árvores de ambos os lados. Alcançando o cavaleiro caído, empurrou o braço do homem com a ponta do pé, fazendo-o deslizar para longe da comprida faca embainhada que tinha à cintura.

— Não é preciso. Está como morto.

Levantando os olhos, viu Silus aproximar-se com uma expressão enojada.

— É uma pena. Gostaria de ter passado com ele alguns momentos tranquilos para discutir isto...

O decurião estendeu a mão e partiu a haste da flecha espetada no escudo de Marcus, puxando a sua ponta barbada e cheirando-a. Fazendo cara de caso, afastou o braço que segurava o míssil ofensivo e pediu um saco de ração vazio.

— Envenenada?

O soldado de cavalaria assentiu com ar sombrio à pergunta de Marcus, envolvendo a ponta da flecha em várias camadas de pano antes de a arrancar da haste, atando por fim o pequeno embrulho.

— Aqui tens, ficas com uma recordação. Só não te cortes com ela — Pontapeou o moribundo na cabeça, de rosto pálido de fúria. — Não, deixa o cabrão aqui estendido a morrer tão lentamente quanto lhe aprouver. E se tiveres algum problema com isso, é melhor voltares para trás e ver em que estado está o teu cavalo.

Marcus estremeceu de culpa e apressou-se a regressar onde o grande cavalo cinzento jazia rígido na berma com as pernas rigidamente esticadas do corpo, tremendo violentamente e revirando os olhos de terror enquanto Arminius e Qadir se erguiam junto dele, virando-se para receber Marcus abanando a cabeça. Uma única flecha projetava-se do ombro direito do cavalo, de haste pintada do mesmo vermelho-vivo que aquela que o arqueiro moribundo tinha na mão aberta. Uma escorrência espumosa saía da boca aberta do animal, e cada ténue exalação era acompanhada de um leve gemido quando o veneno da flecha lhe rasgava as entranhas. Abanando pesarosamente a cabeça, Marcus agachou-se ao lado da cabeça do cavalo, acariciando-lhe a cara comprida suavemente enquanto puxava do cinto a sua faca de caça. A lâmina era quase sobrenaturalmente afiada, uma de entre a dúzia que pagara a um ferreiro para que lhes forjasse o gume com o metal da espada de aço de Damasco que tirara ao bandido Obduro, em Tungrorum. Para deleite dos seus irmãos oficiais, dera-lhes todas as lâminas daí resultantes, embora não fosse capaz de dizer se, ao fazê-lo, conseguira neutralizar o mal que sentira na espada desde que lhe tocara o punho pela primeira vez. Passando uma mão pela garganta do cavalo, pôs a faca junto ao pescoço lustroso de suor do animal e executou um único corte rápido, abrindo as veias ocultas sob a carne palpitante e baixando os olhos com um sorriso triste quando um jorro de sangue quente se derramou pelo chão.

— Adeus, *Cabeça de Vento*. Foste uma ótima montada.

Esperando até os olhos do cavalo se fecharem, pôs-se de pé, limpando e embainhando a faca com um suspiro de pesar.

— Feito como deve ser, irmão. Ainda vamos fazer de ti um soldado de cavalaria. — Silus afastou-se do animal morto, abanando a cabeça aos soldados que esperavam de pé à sua volta.

— Esta noite não comeremos cavalo, a menos que vocês queiram correr o risco de comer carne com veneno suficiente para derrubar um coitado deste tamanho em menos de um cento de batidas do coração.

Marcus encaminhou-se para o meio do arvoredo e encontrou o local onde o primeiro arqueiro estava estendido nas suas últimas agonias, cortando-lhe a garganta com uma só passagem hábil da temível lâmina da faca e apanhando a aljava com flechas que jazia junto dele. Curvando-se para mais perto do corpo, viu que a marca no braço do homem que lhe chamara brevemente a atenção durante a luta era um arranhão, com pele esbranquiçada em torno da pequena ferida. Voltou ao local na estrada onde o batedor expirava lentamente sob o olhar impassível de Qadir.

— Mata-o. Não nos vai dar nada que não seja já evidente pela presença deles aqui, e se o faço por um cavalo, devo-lhe a ele a mesma dignidade. — Passou a aljava a Qadir, indicando com um gesto o moribundo diante deles. — É melhor recolheres também as flechas. Podem vir a ser úteis, e prefiro não as deixar por aí espalhadas. E tem cuidado com as que estão pintadas de vermelho, o mais pequeno corte matará um homem, ao que parece.

Subiu o suave declive da estrada até alcançar o sítio onde a montada do moribundo tinha parado depois de o seu cavaleiro ter sido derrubado da sela. O cavalo estava a pastar com satisfação na erva da berma sem qualquer aparente preocupação, e o romano encaminhou-se na sua direção, tranquilizando-o com palavras serenas enquanto avançava com cuidado e sem pressas até se aproximar o suficiente para lhe poder tocar. Estendendo a mão lenta e cautelosamente, agarrou-lhe as rédeas, afagando-lhe o flanco e soprando-lhe ao ouvido.

— Toma. Dá-lhe isto.

Silus atirou uma maçã ao romano, engelhada pela guarda prolongada, mas ainda bastante saborosa, e o cavalo tirou-lha da palma da mão com tanta avidez que os outros cavaleiros bufaram de riso. Silus assobiou ao seu *sesquiplarius* e este atirou-lhe outra maçã com uma expressão resignada.

— Acham que sou brando com os cavalos, e na verdade têm razão, mas como é que um homem consegue resistir-lhes?

O animal esfregava o nariz em Marcus, dilatando as narinas perante a perspectiva de mais um regalo, e o decurião estendeu-lhe a maçã antes de retroceder para poder olhar adequadamente a nova montada do seu camarada.

— Não é extraordinária, não é uma estampa, mas aposto bom dinheiro em como esse animal correrá um dia inteiro apenas a troco de umas quantas porções de erva quando precisar. Como lhe vais chamar, uma vez que o dono anterior não teve tempo para discutir o assunto em pormenor?

Marcus riu-se, cambaleando ligeiramente para trás quando o cavalo o empurrou novamente, e ele, rendendo-se, estendeu-lhe a maçã.

— Toma, fica com ela antes que me pises o pé. — Sorriu com tristeza a Silus, aquiescendo à expressão cúmplice do decurião. — O nome dela? Estou tentado a chamar-lhe *Glutona*, mas isso dificilmente seria adequado para um animal criado para a guerra. Vamos ver como ela se comporta, antes de a albardar antes de tempo...

Ambos os homens se voltaram para olhar a estrada quando uma corneta ressoou à distância, observando quando a centúria dianteira da coorte dos tungros apareceu à vista, rodeando a aba da montanha que se elevava sobre eles para oeste. Silus virou-se para os seus homens, vociferando ordens.

— Vão para o meio das árvores apanhar lenha. Assim que os soldados tenham passado por nós, cremaremos o pobre *Cabeça de Vento*, tanto para salvar a sua dignidade como para proteger qualquer animal que decida utilizar o seu corpo como jantar. — Elevou um sobrolho a Marcus. — E tu, Centurião Duas Facas, é melhor ires ter com os teus superiores e avisá-los de que estamos a dirigir-nos para uma luta.

O PRIMEIRO LANCEIRO JULIUS OLHOU COM CONSTERNAÇÃO PROFISSIONAL para o cenário diante de si quando a sua centúria da frente cruzou a última crista da estrada e surgiu à vista a colónia mineira que tinham sido enviados para proteger. Após um momento, abanou a cabeça à visão que se lhe deparava, uma extensão aparentemente desorganizada de edifícios que enchiam o terreno do vale como se algum deus distraído tivesse lançado um punhado de povoamentos dispersos à terra, sem se importar de saber onde caíam. O vale estava orientado para leste por cerca de mais um quilómetro e meio até a montanha que se erguia na sua extremidade mais distante o fechar como o auditório de um gigantesco anfiteatro. O seu oficial superior, um homem alto de compleição seca que tinha inicialmente levado erradamente os tungros a acreditar que não era apto para o combate, riu-se perante a expressão de repulsa no rosto do seu centurião mais categorizado.

— Então, isto é que é o vale da Pedra do Corvo, hein? Não parece grande coisa, pois não, Julius? Eu sei o que estás a pensar... foi por isto que fomos enviados desde Apulum até aqui acima, sem tempo sequer para uma taça de vinho na messe dos oficiais?

Julius ainda não tinha ultrapassado a indiferença com que o tribuno

de faixa larga da Décima Terceira Legião os tratara à entrada da fortaleza de Apulum. Comunicara as ordens do seu *legatus* para que o destacamento formado por três coortes marchasse para as montanhas com o desdém com que um patrício ordenaria a um escravo que limpasse a sua latrina, e durante a marcha não lhes permitira mais do que a pausa necessária para que uma coorte de arqueiros trácios descontentes fossem postos fora das suas casernas e anexados à coluna.

— Sabes o que dizem, Julius? Se não conseguimos encaixar uma piada, não nos deveríamos ter alistado.

O tribuno Scaurus sorriu perante o desalento no rosto de Julius quando este deu por si a ser objeto de uma das suas gracinhas favoritas.

— Então, desapontado com aquilo que vês, não é verdade, Primeiro Lanceiro? Receio que não vás encontrar a quantidade de antros de bebida e casas de putas de que gostarias, ou já te esqueceste que agora tens uma mulher para te manter afastado de todas essas distrações?

O centurião mais velho abanou a cabeça sem perder a expressão repugnada ao assimilar a visão dos edifícios dispersos pelo vale à frente deles.

— Não é isso, Tribuno. Annia cortar-me-ia os tomates com uma colher amassada e ferrugenta se eu considerasse sequer uma tal coisa. Embora, agora que fala nisso, dado que andamos na estrada praticamente há três meses, os homens se estejam a passar com necessidade de alguma diversão. Agora, o que me está a incomodar é a falta de preparação defensiva.

O tribuno assentiu, concordando, deixando os olhos vaguearem pelo cenário que se desdobrava diante deles com interesse profissional enquanto marchavam para o vale.

— Concordo. Nesse caso, que prioridades deveriam ser as nossas, se estivesses no lugar do meu colega Domitius Belleto?

A resposta de Julius precisou de algum tempo de ponderação.

— Uma muralha. Uma coisa suficientemente alta para impedir o assédio de elementos tribais *hostis*. Isso, e haveria de querer garantir que tinha o controlo dos pontos mais altos.

Scaurus acenou para mostrar a sua concordância e, depois, ergueu a mão para apontar uma figura que avançava pela estrada em direção a eles, cujo uniforme da legião era complementado por um bastão na sua mão direita, no lugar onde um soldado teria normalmente transportado uma lança.

— Ignorando o facto de que um bando guerreiro inimigo nos poderá manter um bom bocado mais ocupados do que nós gostaríamos, se é

diversão que tu queres, aquele cavaleiro pode deter a resposta. Sugiro que pares a coluna para que possamos descobrir o que ele tem para nos dizer.

O soldado solitário marchou resolutamente até aos dois oficiais, fez uma viva saudação, pondo-se em sentido com tal vigor e precisão que fez erguer sobrolhos entre os soldados veteranos nas costas de Julius. Vendo de mais perto, o primeiro lanceiro percebeu que o bastão dos legionários era, na verdade, um estandarte, apesar de ser de um tipo que ele nunca vira anteriormente, a haste de uma lança com uma ponta estranhamente decorada, que parecia não ter qualquer função militar óbvia.

— Saudações Tribuno, Centurião. Bem-vindos ao vale da Pedra do Corvo, e às instalações mineiras de Alburnus Major. — Os seus olhos azuis dardejaram sobre ambos, um de cada vez, fazendo um rápido exame a cada um deles com um olhar que pareceu ao mesmo tempo franco e calculista.

— Sou Cattanius, soldado da Décima Terceira Legião Gemina e *beneficiarius*¹ do *legatus* da legião, enviado para dar assistência ao vosso destacamento no momento da chegada. Presumo que o senhor seja o tribuno que comanda esta força...

Scaurus deu um passo em frente, retribuindo a saudação de Cattanius.

— Gaius Rutilius Scaurus, tribuno no comando da Primeira e Segunda Coortes dos Tungros, mas não, devo salientar, o comandante deste destacamento. — Apontou com o polegar sobre o ombro para a longa coluna de soldados que esperava debaixo do sol do meio da tarde. — O meu colega Domitius Bellefor detém o comando geral da nossa força combinada. Se olhar ao longo da coluna, verá sem dúvida um homem a cavalo que se aproxima para ver o que originou esta paragem imprevista. Mas, uma vez que ele vai demorar uns momentos a chegar até nós, talvez possamos gastar esse tempo a discutir sobre alguns tópicos de interesse para mim e aqui para o meu primeiro lanceiro? E ponha-se à vontade, homem, não há necessidade de cerimónia.

Cattanius descontraiu um pouco.

— O que gostaria de saber, Tribuno?

Scaurus sorriu com ironia.

— Poderia começar por nos esclarecer quanto à razão de encontrarmos este precioso ativo imperial desprovido de qualquer presença militar. Certamente que uma das principais tarefas das legiões da Dácia é manter este local seguro, dada a importância crítica para a província?

O legionário assentiu com franqueza.

¹ Jovem graduado abaixo do posto de centurião, cuja nomeação era obtida através do favor (*beneficius*) do respetivo comandante. (*N. do T.*)